

## **O OFÍCIO DA BENZEÇÃO EM MARA ROSA-GO**

**Léo Carrer Nogueira<sup>35</sup>**

leocarrer@yahoo.com.br

### **RESUMO**

O ofício da “benzeção”, prática que tem registros no Brasil desde o período colonial, inclusive auxiliando na cura e tratamento de várias doenças, num período em que a medicina legal era coisa rara, ainda hoje persiste em várias cidades brasileiras. Inseridas numa lógica “mágico-religiosa”, juntamente com os preceitos do catolicismo, as benzedeiras são procuradas muitas vezes para solucionar problemas de saúde, concorrendo muitas vezes com a própria medicina, e oferecendo uma alternativa aos mais necessitados. O presente trabalho é resultado de trabalho de pesquisa monográfica dos alunos Suelen Versonito e Bruno das Dores, realizada na cidade de Mara Rosa sob orientação do prof. Léo Carrer, e apresentará algumas reflexões acerca da sobrevivência das práticas de benzição em nossa sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Benzeção, Catolicismo Popular, Mara Rosa.

A benzeção é uma prática baseada em crenças arraigada na mistificação e executada por meio de um ritual. Cada benzedeira possui um rito próprio, uma maneira singular de benzer, mesmo quando se trata da mesma benzeção. Essa singularidade na prática da benzeção a torna ainda mais fascinante, uma vez que presenciamos várias maneiras de se alcançar o mesmo objetivo: a cura através da fé. A maneira que se benze, bem como os objetos utilizados, de diferentes maneiras pelas benzedeiras <sup>36</sup>, visam principalmente a cura das inúmeras moléstias do corpo e da alma.

O ritual da benzeção, com todo o mistério que a envolve, carrega na prática a qualidade de trazer a quem a procura um conforto que muitas vezes não foi encontrado em outros ambientes e com outros métodos medicinais. A prática da benzeção com jaculatórias,

---

<sup>35</sup> Mestre em História pela UFG (2009), Professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade de Porangatu-GO.

<sup>36</sup> Ao longo deste artigo utilizaremos o termo “Benzedeira”, no feminino, mas sempre querendo se referir tanto às figuras femininas como masculinas que efetuam esta prática.

orações fixas, objetos, indicação de remédios e ainda o conforto pela palavra de quem benze, fascina pelos resultados constatados. E mesmo diante do fato de que o número de benzedeiras vem diminuindo periodicamente, não deixa de mostrar-se eficaz e presente na comunidade, e ainda com a preocupação em dar continuidade nesta prática, por parte de quem benze, por saber da importância da mesma na comunidade em que se vive.

Quintana (1999) nos apresenta três fases fundamentais que compõem o processo ritualístico da benzeção: o diálogo, a benção e por fim as prescrições. O diálogo é o primeiro contato entre o benzedor e o benzido, neste momento o cliente fala de sua vida, seus problemas, angústias e aflições. Não é somente a característica somática <sup>37</sup> que envolve esse momento, ela é por sua vez uma atenção secundária, pois o aspecto mais conciso do diálogo é a intenção e o vínculo fraterno estabelecido entre o sujeito e o objeto da benção.

Estabelecido o primeiro vínculo, a benzedeira inicia o ritual da benção, que pode ser de inúmeras maneiras: imposição das mãos, recitação de jaculatórias e orações, gestos em forma de cruz sobre o benzido, etc. Fazem uso também de ramos, talos, panos entre outros objetos. É na benção que é suplicado o fim almejado.

A benzeção não encontra seu ponto final na benção. Após o ritual da mesma chega o momento da prescrição. Esta por sua vez acontece das mais variadas formas, uma vez que dependem primordialmente da queixa apresentada durante o diálogo. Nessa última fase do ritual, a pessoa que benze fala o que sentiu durante a benzeção e prescreve orações ou mesmo chás e ervas.

Durante o ritual da benzeção, inúmeros objetos são utilizados para se alcançar o objetivo almejado. A própria benzedeira determina o objeto a ser usado em cada ritual. Encontrada a enfermidade, a benzedeira procede da maneira que julgar melhor para se alcançar a cura. Devido a esse aspecto singular, pode-se observar a diversidade que emana do ato ritualístico.

Dentro da lógica do ritual cada objeto assume característica essencial para este ofício. Na bibliografia utilizada encontramos o uso de velas, brasas, copo com água, panos, agulhas,

---

<sup>37</sup> As perturbações somáticas são um grupo de alterações em que algum problema psicológico subjacente produz sintomas de pena e incapacidade física.

etc. Por meio das observações da pesquisa de campo, pode-se notar o uso do terço, da água, de ramos, panos, faca, sal, cinzas, entre outros.

O terço é comumente utilizado pelas benzedeiras católicas. O mesmo possui inúmeras simbologias no universo católico. Conforme nos explica Moura (2009), ele possui valor de totalidade, ou seja, ao circundar a pessoa com o terço, a benzedeira envolve-a em um círculo de cura, fechando o corpo para a doença e o mal.

A faca é utilizada em alguns benzimentos juntamente com algum talo de mamona ou qualquer outro ramo verde, e tem por simbologia o corte da doença e do mal. Com a faca corta-se a doença impedindo-a de avançar, como é o caso de doenças como o “cobreiro” e a “erisipela”.

O ramo adquire variadas significações, como no caso acima mencionado (cobreiro e erisipela). Após a benzeção, o talo ou ramo é colocado em um local separado da casa e quando este secar por completo, seca-se também a inflamação da moléstia. Em outros casos como na benzeção de “mau-olhado”, acredita-se que a inveja e tudo que estiver no corpo do cliente passam para o ramo. Este por sua vez deve ser colhido na hora da benzeção e após a recitação da mesma o ramo deve murchar. Segundo Sr. Augusto “o ramo ficou murcho porque as coisas que tinham de ruim na pessoa passaram pra ele” 38. Na linguagem das benzedeiras se o ramo murchar significa que a pessoa está “carregada” 39.

Cada objeto contém seu valor, sua simbologia e é utilizado de acordo com a necessidade da benzeção. Tais objetos são primordiais na prática da mesma, uma vez que para as benzedeiras representam um auxílio que lhes proporcionam segurança e confiança para benzer.

O uso desses objetos para as benzedeiras, no ato da benzeção, faz com que a cura seja imediata, ou pelo menos que a solução para o mal seja apontada, podendo assim, com a ajuda dos elementos naturais (arruda, guiné, alecrim) darem início no tratamento das moléstias, elementos estes que ela mesma indica, ensinando como prepará-los e a dosagem a ser

---

38 Entrevista realizada com o benzedor Sr. Augusto por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 24/06/2011.

39 Carregada: Segundo pesquisa de campo, consta-se que uma pessoa esteja “carregada” quando ela foi acometida de “olho gordo”, ou seja, inveja. Nesse sentido a pessoa que benze sente uma “áurea negativa” que envolve o indivíduo.

consumida ou usada externamente, bem como as contraindicações, como os alimentos que devem ser evitados para consumo por serem considerados prejudiciais se misturados aos remédios. Além dos diversos objetos incorporados ao ritual da benzeção há também a incorporação de plantas medicinais.

Ao apontar a realização da benzeção, bem como os objetos utilizados, é possível observar que o ritual incorpora certos elementos naturais que auxiliarão no tratamento de moléstias como arruda, guiné, alecrim, capim santo, entre outros. Nessa perspectiva nota-se que a indicação de tais ervas auxiliam na cura e muitas vezes chegam a validá-la. No entanto, há de se ressaltar que tais indicações não é algo essencial ao ofício da benzedeira, são apenas um complemento. A essência da benzeção é a oração e o rito que envolve a prece. Assim conclui-se que uma vez estabelecida a oração que incidirá na cura espiritual, as ervas e sua manipulação auxiliarão na cura física.

Ao ser perguntada a respeito de indicação de chás e ervas como auxílio e complemento da benzeção, D. Liandra, uma das benzedeiras que encontramos na cidade de Mara Rosa-GO, nos informa que além das rezas é importante fazer o uso das plantas e relata a especificidade de cada erva.

Uai, benzê é bão, muito bão mais tem também que ajudá o corpo com uns remédio desses q a gente tem em casa, no quintal da gente. Esse aqui ó é o alecrim é bão pra (pausa) calmante de coração, é calmante... Além do que é bão ter um pézim de alecrim na porta da casa da gente que trás a sorte<sup>40</sup>.

A eficácia da benzeção se alicerça em dois pilares fundamentais: a fé daquele que benze e a crença daquele que é benzido. Podemos notar que o que alimenta a crença na benzeção é o fato dela atuar como uma aliada a tratamentos clínicos de saúde, como é o caso da Fernanda que não dispensa a benzeção mesmo realizando tratamento de saúde em clínica conceituada de Goiânia e com médicos especialistas no caso.

Já tem dois anos que me trato em Goiânia, tenho problemas de enxaqueca que tiram a paz e a felicidade. Minha cabeça dói muito, uma dor que nem sei

---

40 Entrevista realizada com Dona Liandra por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 22/06/2011.

explicar. Diversas vezes minha cabeça doía a ponto de não conseguir levantar da cama. Ia no hospital, tomava alguns remédios e hora ou outra a cabeça tornava me incomodar. Até que um dia a comadre Juranir me levou na D. Conceição e pediu pra ela me benzer. Antes de benzer nós conversamos, falei pra ela das minhas dores de cabeça e acabamos falando também da minha vida particular. Quando me dei conta, estávamos falando dos meus filhos, dos problemas com meu falecido esposo, do meu dia-dia no serviço e outras coisas que nem lembro mais. Olha, quando ela me benzeu eu não senti nada de anormal, mas também minha cabeça doía tanto que mesmo que sentisse nem ia perceber (risos). Mas parece assim que foi como se tivesse tirado com a mão. Fui pra casa com a cabeça ainda muito dolorida só que mais tarde a dor foi sumindo sem eu perceber. Olha se foi ou não o poder da benzeção eu não sei, mas que eu gostei eu gostei. Até hoje mesmo tratando com doutor e tomando remédio eu sempre benzo <sup>41</sup>.

Fernanda, 35 anos, professora, viúva e mãe de dois filhos nasceu e cresceu em Mara Rosa-GO. É uma pessoa que nos remete a uma análise profunda acerca do nosso tema de pesquisa: a benzeção. Pelo perfil apresentado observa-se que a mesma é uma pessoa instruída, que conhece a importância da medicina erudita e mesmo assim recorre a benzeção, manifestação da medicina popular. Quais seriam as motivações dessa constante procura, uma vez que ela mesma afirma que a dor sempre volta?

Ao ser indagada sobre isso ela responde com um sorriso no rosto “por que você toma água, se daqui uma hora ou menos a sua sede retornará?”. Percebe-se nessa fala, a importância atribuída ao ato da benção. O rito em si envolve muito mais do que se pode imaginar, além da cura <sup>42</sup> (mesmo que passageira) o mesmo proporciona um sentimento de conforto espiritual que precisa ser alimentado constantemente.

Para Mary Douglas (1990, p. 88), o poder de um ritual está na confiança que nele se deposita. Se uma determinada sociedade confia em seu xamã e em seus ritos, sua eficácia estará assegurada. É o que podemos perceber na fala de Fernanda. O fato de ela ter seus desejos atendidos, seja de cura de doenças ou resolução de problemas é a base de sua fé na utilização do ritual da benzeção.

---

<sup>41</sup> Entrevista realizada com Fernanda, por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 18/10/2011.

<sup>42</sup> Deixemos claro que o termo “cura” aqui utilizado, não refere-se a nenhuma descrição científica de fim da moléstia, queremos no entanto retratar o termo como uma resposta mesmo que passageira em relação ao mal que afetava o cliente.

Há ainda indivíduos que quando indagados sobre o porquê de sua crença na benzeção recebem a pergunta com certa estranheza e levam algum tempo para formularem suas respostas. Na maioria das vezes fundamentam-se nos laços de hereditariedade, uma vez que cresceram em ambientes crédulos na prática do ofício. Esse foi o caso observado da estudante Luana, mãe da pequena Isabella:

Desde pequena minha mãe sempre levava eu e meus irmãos pra benzer. Se ficava magrinho, ruim pra comer ela levava pra benzer, ela amarrava um pano na costela da gente e benzia a espinhela. Quando a gente mudou aqui pra Mara Rosa logo ela conheceu outras benzedeiros e toda vez que precisava a gente se benzia. Assim (pausa) eu sou nova, mas eu acredito muito na benzeção, por que na verdade se a gente tem fé a cura acontece. Eu engravidei muito nova e morro de medo de algo acontecer com a minha filha. Sabe, sempre trago ela pra benzer por que criancinha nova pega muito quebrante. Toda vez que trago ela [a filha] ela fica melhorzinha. Nos primeiros dias depois do parto tive muitos problemas pra amamentar, meus seios incharam e não saía leite de jeito nenhum, daí a D. Conceição foi na minha casa me benzer de peito azangado e olha, Deus foi bom demais comigo meu peito sarou e amamentei a neném sem problemas. As benzeção sempre funcionou comigo e agora funciona com minha filha <sup>43</sup>.

Nessa dimensão de análise, pode ser verificado um aspecto dos diversos leques de possibilidades que o mundo da benzeção nos oferece: a resistência da cultura frente a modernidade. Pois mesmo sendo jovem, Luana procura a benzeção por que essa mostra-se válida na medida em que ela cresceu convivendo com essa prática e seus resultados, ocasionando assim um ciclo de preservação da cultura e crença de um povo.

Mesmo com a pretensa “racionalização” e “modernização” de nossa sociedade, vemos que práticas como a benzeção ainda encontram adeptos e relativa importância. Segundo afirma Machado (2003), este seria o papel da religião em um mundo “desencantado”:

A ordem social continua precária, o mundo está desencantado, os problemas sociais e econômicos continuam sem justificativas plausíveis para os que

---

43 Entrevista realizada com Luana, por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 18/10/2011.

sofrem com eles. A religião foi empurrada para a periferia – como forma de explicação do mundo e centro da coesão social – mas, apesar de ter perdido grande força de influência e decisão no campo laico, ela aparece, ainda, capaz de dar um significado (às vezes transcendental: ‘é a vontade de Deus!’) às situações de subexistência e desigualdades sociais as mais diversas. Essa nova significação possui características inesperadas, características estas de um ‘reencantamento’ do sagrado, visível principalmente nas manifestações religiosas e, por isso mesmo, também no assim chamado ‘reencantamento’ pela religião (MACHADO, 2003, p. 30).

É esse movimento de “reencantamento pela religião” que permite à prática da benzeção resistir em nossa sociedade. Assim, muitas pessoas procuram a benzeção por certo desconforto com a medicina erudita ou o tratamento que recebem pelos profissionais da saúde. Observa-se que as benzedeiras, enquanto mediadoras da cura pela fé, mantêm um relacionamento pessoal com o enfermo, explicando e respondendo as expectativas nas mais diversas áreas: pessoais, familiares e comunitárias.

Segundo Oliveira (1985, p.25) a benzedeira “[...] é uma cientista popular e possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”. Temos então um sujeito carregado de significações e representações, que são ao mesmo tempo “médicas populares” e detentoras de orações.

Por meio das pesquisas realizadas foi evidenciado que as benzedeiras de Mara Rosa são em sua maioria pessoas idosas oriundas do meio rural, com pouco ou nenhum grau de instrução e atuam em nome de uma religião, geralmente o catolicismo.

Em se tratando da maneira como as benzedeiras realizam seu ofício, há divergências entre alguns pesquisadores. Em sua pesquisa, Oliveira (1985) caracteriza a benzedeira como uma profissional autônoma, sendo a benzeção um artifício para complementar sua renda mensal ou um meio para obtê-la integralmente. No entanto, Leite e Archanjo (2008) ressaltam:

As benzedeiras encaram seu ofício como um serviço assumido por tradição, por acreditarem no bem que fazem aos outros [...]. Não cobram pelos serviços prestados, mas muitos dos que procuram seus serviços costumam

levar presentes como forma de agradecimento (LEITE; ARCHANJO, 2008, p. 18-19).

Entretanto, ao longo desta pesquisa, foi comprovado que as benzedeiras da cidade de Mara Rosa não cobram por seus benzimentos. De acordo com D. Carolina “benzer é dom que Deus dá de graça, então não precisa cobrar, Deus até castiga!” 44. Pelo comentário de D. Carolina, observa-se que a gratuidade do dom representa no universo da benzedeira uma aproximação com o divino, um veículo promissor de graças e bênçãos, que caso seja quebrado desequilibra todo o ciclo. Portanto, para a maioria das benzedeiras, o pagamento por suas benzeções dá-se pela realização da cura do benzido, ou de uma graça alcançada através do vínculo que se cria com o divino.

As benzedeiras não saem às ruas oferecendo suas benzeções. Elas se tornam conhecidas no meio em que vivem pelas pessoas que alcançam a cura, e as indicam a outros que eventualmente necessitem de seus serviços. A partir desta propagação de sua pessoa, a benzedeira acaba por ser uma representação dentro da sociedade, vista como uma pessoa de bem, carismática, experiente e confiável.

O ofício da benzeção não se limita apenas ao ato de benzer, orar, impor as mãos, pois além de benzer, elas exercem também, muitas vezes, a função de conselheira, levando longas e calorosas conversas que expressam ternura e aconchego, de forma a tentar reduzir a angústia de quem as procura, fazendo com que a cura ultrapasse os limites físicos e cheguem a alma. De acordo com Oliveira (1985, p. 39), “não basta apenas que a própria benzedeira reconheça a existência de um dom na sua vida, é necessário que a comunidade onde ela mora partilhem com ela”.

Assim sendo, o ofício e propagação da benzeção se concretizam na relação que esta estabelece com as pessoas que lhes são próximas e estas últimas que propagam na eficácia da cura por elas mediada. Tal fato permite que a realização da benção não se perca, pelo contrário, se espalhe pela comunidade, fazendo permanecer à procura da benzeção, mesmo quando o incômodo não é físico.

---

44 Entrevista realizada com Dona Carolina por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 21/06/2011.

Definir as benzedadeiras é uma tarefa um tanto quanto delicada uma vez que são guardiãs de um patrimônio riquíssimo de nossa cultura. A pessoa que benze é aquela que representa a medicina popular, é aquela que detém orações em favor do bem do corpo e da alma, é pessoa amiga, conselheira e acima de tudo: a benzedeira é mãe/pai avó/avô, esposa/esposo, médica (o).

Trata-se de uma figura social de relevância em nosso meio uma vez que carrega consigo uma tradição que perdura desde tempos remotos, mantendo-a viva atualmente mesmo com tantos empecilhos que poderiam ter aniquilado essa prática. Por esse motivo podemos ainda apresentá-la como uma guerreira que luta pela permanência daquilo que acredita, para que as obras e bênçãos conquistadas não se percam em nosso meio.

### Referências

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo* – Ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991, Introdução e Cap. I “A Impureza Ritual” (p. 13-91).

LEITE, Daniella Araújo Teixeira; ARCHANJO, Léa Rezende. A benzeção como prática terapêutica. In: Revista do Núcleo de Ciências Biológicas e da Saúde, V. 01, nº 03. Curitiba, Universidade Positivo, 2008. (p. 15-19).

MACHADO, Sandra Maria Chaves. *Umbanda: reencantamento na pós-modernidade?* Tese (Mestrado em Ciências da Religião). Goiânia: UCG, 2003.

MARTINS, Ernane Ronie [ET AL]. *Plantas Medicinais*. Viçosa: UFV, 1995.

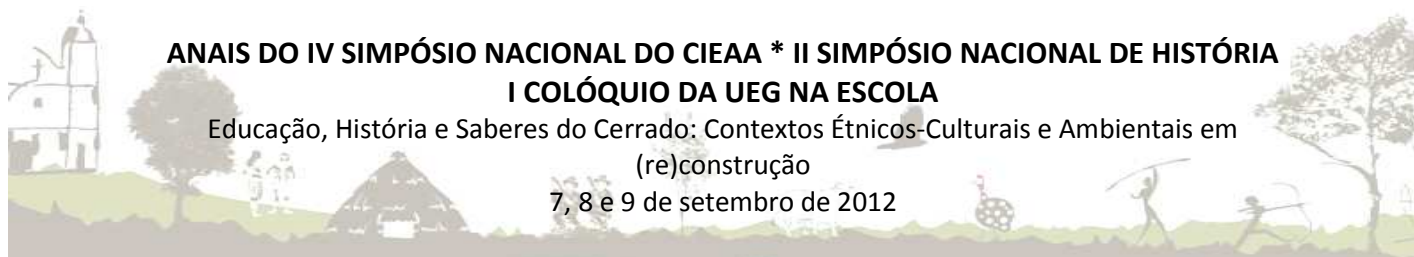
MOURA, Elen Criarina Dias de. *Entre Ramos e Rezas: o ritual de Benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: PUC, 2009.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em campinas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: UNICAMP, 1983.

\_\_\_\_\_. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Luciano Conrado; MARTINS, Karla Denise. *O Ultramontanismo em Minas Gerais e em outras regiões do Brasil*. In: Revista de Ciências Humanas. V. 11, nº 02. Viçosa: UFV, 2011. (p. 259-269).

QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência de benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.



SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz* – feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VAZ, Vânia. *As benzedadeiras da cidade de Irati*: suas experiências com o mundo e o mundo das benzeções. Dissertação. (Mestrado em História). São Paulo: PUC, 2006.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB, 1994, Vol. 1, Cap. V “Sociologia da Religião (Tipos de Relações Comunitárias Religiosas)” (p. 279-418).

WEIL, Roberto. *As ervas que curam*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Groud, 1991.